

Portal Terra – 14/12/2010

Leilão de geração será disputado, mas com baixo deságio

http://economia.terra.com.br/noticias/noticia.aspx?idNoticia=201012141758_RTR_1292349495nN14276550&idtel=RV030ELET3

O último leilão de energia hidrelétrica de 2010, que será promovido na sexta-feira pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), pode ser o mais concorrido do ano.

Grandes empresas, entre companhias do setor e construtoras, aliadas a empresas da Eletrobras, disputarão três usinas. A de Teles Pires, no Mato Grosso, com 1.820 megawatts (MW) de potência instalada, deverá ser o principal alvo.

Estreito Parnaíba (56 MW) e Cachoeira (63 MW), ambas no Piauí, serão as outras usinas que participarão do certame.

Para especialistas em energia consultados pela Reuters, a demora nas concessões das licenças prévias ambientais deve atrapalhar algumas interessadas, visto que determinadas alterações de projeto podem encarecer o custo das obras.

Duas usinas que foram habilitadas - Sinop (MT) e Ribeiro Gonçalves (PI) - ficaram fora do leilão justamente por não terem recebido as licenças do Ibama.

Já os deságios ante os preços-teto poderão ser menores que os vistos em outras usinas por conta da diminuição da energia destinada ao mercado livre.

O leilão de sexta-feira também confirma 2010 como um ano em que toda a energia contratada veio de fontes renováveis - hídrica, eólica ou biomassa.

"Quando vemos a necessidade de oferta de energia em 2015 seria preciso vender todos os projetos", diz o consultor da Excelência Energética Consultoria, Eric Rego. Como é sabido que nem todos os projetos serão leiloados, em 2011 e 2012 serão necessários novos projetos de energia eólica e biomassa, afirma Rego.

"Este foi o ano em que mais houve contratos para expansão de capacidade. Nunca se contratou tanta energia."

Concorrência

O último leilão de geração deste ano será bastante concorrido, na opinião de especialistas.

A Eletrobras confirmou participação em todos os lotes por meio de consórcios, cuja formação ainda não está clara.

Rumores divulgados pela imprensa e citados pela Ativa Corretora afirmam que Cemig, CPFL, Andrade Gutierrez e Camargo Corrêa formarão um consórcio para disputar Teles Pires. "Os outros dois consórcios já confirmados são Suez, Eletronorte e Chesf, que vão com as construtoras Queiroz Galvão e OAS, e ainda Neoenergia, Odebrecht, Furnas e Eletrosul, com a Odebrecht como construtora", disse a Ativa.

Procurada pela Reuters, a Cemig afirmou que está analisando uma eventual participação. A CPFL, por sua vez, disse que não comenta o assunto, assim como a GDF Suez. Já Andrade Gutierrez, Camargo Corrêa, Queiroz Galvão, OAS e Odebrecht não responderam às solicitações.

"A usina de Teles Pires vai atrair mais concorrência. Ela tem geração de receita maior e terá grupos fortes se unindo", diz o sócio da Tozzini Freire Advogados Pedro Seraphim, especialista em energia.

O presidente do Instituto Acende Brasil, Claudio Sales, diz que usinas como Teles Pires e a descartada Sinop "são boas para quem quer crescer rápido", mas afirma que a demora nas licenças pode ser prejudicial na decisão de algumas empresas.

"A licença ambiental traz custos e riscos adicionais. Como (uma empresa) vai participar sem conhecer isso?", questiona.

Já o analista Valter de Vito, da Tendências Consultoria, acredita que a concorrência será maior nas usinas menores. "Nas grandes usinas sempre há o interesse do governo em ser acionista e interferir no preço da energia", observa.

Deságio

Apesar da previsão de concorrência, a expectativa é de que o deságio em relação ao preço-teto estipulado seja baixo por conta da decisão do governo em reduzir a participação do mercado livre na energia vendida, de 30% em leilões anteriores para 15%.

No polêmico leilão da usina de Belo Monte, no rio Xingu (PA), o consórcio Norte Energia ofereceu deságio de 6,02% em relação ao preço-teto. No leilão das usinas de Colíder, Garibaldi e Ferreira Gomes os deságios ficaram entre 10,9% e 18,8%.

A analista Rosângela Ribeiro, da SLW Corretora, acredita em um deságio superior a 10%. "Mas não dá pra ter uma ideia se será um sucesso completo", afirma.

Eric Rego, da Excelência Energética, diz que o deságio será menor por conta do mercado livre. "Se o preço for ruim para o setor privado, as usinas vão para a Eletrobras e parceiros. Ela se esforça para atender o mercado com um preço que acha justo."